

Desafios de um estudo experimental: as classes aspetuais dos predicados

Bruna BRAGANÇA

As primeiras fases de um novo estudo experimental sobre a aquisição da morfologia de aspeto em português por crianças falantes de português L2, e em especial as dificuldades na planificação das diversas tarefas envolvidas, salientam propriedades muito interessantes das diferentes classes aspetuais, nomeadamente das atividades, das culminações e dos processos culminados. Esta comunicação tem assim o principal objetivo de usar estas dificuldades como ponto de partida para a discussão dessas propriedades, mostrando, mais uma vez, que estas classes aspetuais, tal como as conhecemos em Vendler (1957) e em desenvolvimentos seguintes (cf. Moens & Steedman 1988, Cunha 1998), estão longe de ser compartimentos estanques em que cada situação pode ser facilmente arrumada ou que nos permitem formular predições de elevada precisão.

As categorias de tempo e aspeto, apesar de distintas, estão intimamente ligadas (de Swart, 2012). A categoria tempo permite localizar temporalmente uma oração e associá-la cronologicamente a um momento, que pode ou não corresponder ao momento da enunciação (Comrie, 1976; Oliveira, 2013). Por sua vez, o aspeto permite analisar a estrutura interna da oração, independentemente do tempo (externo) (Comrie, 1976; Cunha, 2013). De acordo com Smith (1991), podemos distinguir a representação da estrutura interna dos acontecimentos através de pontos de vista expressos morfologicamente (aspeto gramatical ou *viewpoint*) e através da natureza semântica dos predicados e dos seus argumentos externos e internos (aspeto lexical ou *Aktionsart*).

O aspeto lexical depende em grande parte (mas não só) da natureza semântica do predicado da oração. A situação descrita pela frase pode caracterizar-se, entre outros valores, por ser: a) dinâmica, quando envolve uma alteração no interior ou no decurso da situação enquanto um todo e contempla um conjunto de fases sucessivas, ou não dinâmica; b) durativa, se o evento se prolonga num determinado intervalo de tempo, ou pontual; c) télica, se tem um limite temporal intrínseco, ou atélica.

As situações podem dividir-se em dois tipos: os eventos e os estados. A propriedade relevante para a distinção entre ambos é a dinamicidade, ou seja, a presença (eventos) ou ausência (estados) de fases que fazem progredir a situação e alterar o estado inicial (Raposo, 2013). Assim, na classe dos eventos temos: i) processos culminados - caracterizam-se por serem situações durativas e télicas, que

incluem ainda um estado resultativo. Por exemplo, *construir uma casa* é um processo culminado porque inclui uma fase intermédia, que leva tempo e que termina quando acaba a construção – a culminação; ii) atividades (ou *processos* em Cunha, 2013) - são eventos durativos sem uma culminação, por exemplo, *o Pedro passeou no parque*; iii) culminações - são eventos não durativos e télicos, como, por exemplo, *entrar em casa*. Na classe dos estados temos situações não dinâmicas que se podem dividir entre estáveis, episódicas e faseáveis (de Swart, 2012; Cunha, 2013; Raposo, 2013).

Relativamente ao aspeto gramatical destacamos os valores de aspeto gramatical perfeito e imperfeito. O valor aspetual perfeito ocorre quando um acontecimento é perspectivado na sua globalidade como um todo fechado, integrando, por isso, um ponto inicial e um ponto terminal, enquanto o valor aspetual imperfeito não facultava qualquer tipo de informação sobre aqueles dois momentos (de Swart, 2012; van Hout, 2016). Relativamente ao imperfeito, iremos focar o progressivo (*estar a + infinitivo*), em vez do imperfeito no seu todo (habitual, genérico e progressivo), porque: i) o progressivo permite-nos perspetivar a situação a partir do seu interior, no seu desenvolvimento, e assim pode ser contrastado com o perfeito, em que a situação é perspectivada a partir do seu exterior, como um todo completo (Cunha, 2013, Alzamora, 2018) e ii) o progressivo é mais fácil de testar do que os outros valores do imperfeito, por ser mais naturalmente oposto ao perfeito do que, por exemplo, o habitual (pelo menos no passado; cf. Pratas, 2021:69, fn47): só recorrendo ao progressivo passado é possível estabelecer uma oposição entre uma situação em curso e uma situação terminada ou concluída (perfeita), ambas localizadas quanto ao mesmo tempo de referência; no caso do habitual, este valor (associado tipicamente, no passado, a formas verbais do pretérito imperfeito), devido ao seu significado temporal menos específico, pode denotar uma repetição de situações, sendo mais difícil de contrastar com um único evento dinâmico terminado.

De forma a investigar o processo de aquisição da morfologia de aspeto em português, desenhamos uma sequência de trabalhos experimentais que nos pareceram adequados, nomeadamente duas tarefas de produção e uma de compreensão.

A tarefa de produção espontânea (anexo1), foi concebida para eliciar as formas do passado através do reconto oral de uma história com o apoio de imagens a fim de determinar se existem diferenças no uso da morfologia perfeita e progressiva. A história inclui contextos que propiciam o uso de predicados das classes aspetuais acima referidas (não incluímos os estados por apresentarem ainda maiores

dificuldades quanto à criação de imagens ilustrativas de ambos os valores de aspeto gramatical em estudo).

A tarefa de produção induzida (anexo2), foi concebida para eliciar o uso das formas do passado consoante o tipo de predicado, de forma a verificar se os falantes dominam a morfologia flexional de tempo e aspeto do português. Assim, foram criados seis contextos resultantes da combinação de duas variáveis: aspeto lexical (atividades, culminações e processos culminados) e aspeto gramatical (perfeito e progressivo). Esta é uma tarefa de completamento de frases, em que as crianças veem uma imagem e têm de completar a frase que lhes é apresentada oralmente, descrevendo a ação terminada ou a decorrer que é representada na imagem.

Quanto à tarefa de compreensão (anexo3), os dados serão recolhidos através de uma tarefa de seleção. A tarefa foi concebida para investigar se os aprendentes compreendem o uso das formas morfológicas do aspeto no passado em diferentes contextos. Pretendemos que os participantes respondam a uma pergunta, selecionando, na imagem que lhes é apresentada, a personagem que já realizou ou está a realizar uma ação. Desta forma, apresentamos situações associadas a frases com morfologia perfeita (descrevendo ações que já terminaram) e a frases com morfologia progressiva (descrevendo ações em curso/a decorrer num determinado ponto de referência temporal).

Para pilotar as tarefas que concebemos, estas foram aplicadas a 9 crianças e 9 adultos falantes de Português Europeu. As tarefas foram aplicadas, maioritariamente, via Zoom, sem limite de tempo e foram efetuadas as alterações necessárias ao aperfeiçoamento das mesmas.

Ao analisar os resultados, identificámos problemas com as imagens, particularmente quanto àquelas que potencialmente induziriam a produção de determinadas classes aspetuais, o que parece ser motivado por: (i) dificuldades na ilustração das diferentes classes aspetuais combinadas com certos aspetos gramaticais (por exemplo, a associação do progressivo às culminações; existe ou não uma fase processual? E, se sim, porque não correspondem estas situações, afinal, a processos culminados?); (ii) a relevância da estrutura argumental dos verbos, para distinguir processos culminados de atividades (por exemplo, como considerar ao certo que um argumento é contável ou não contável? Mais concretamente, o que é que distingue *beber um copo de água* de *beber água* quando esta última versão envolve também um copo?) e (iii) a representação inequívoca dos tempos verbais.

Assim, o contributo deste trabalho consiste, sobretudo, em refletir, partindo de exemplos concretos que serão devidamente apresentados e discutidos, sobre as

dificuldades inerentes ao desenho de um estudo experimental envolvendo as classes aspetuais dos predicados, no que diz respeito à combinação entre estes e diferentes valores de aspeto gramatical.

Referências:

Alzamora, H. (2018). As perífrases verbais no português europeu contemporâneo, Tese de Doutoramento. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

Comrie, B. (1976). Aspect. Cambridge: Cambridge University Press.

Cunha, L. (1998). As Construções com Progressivo no Português: uma Abordagem Semântica. Dissertação de Mestrado, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Cunha, L. (2013). Aspeto. In Raposo, E. (2013). Gramática do português. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1, 587-616.

de Swart, H. (2012). Verbal Aspect. In Binnick, R. (eds.), The Oxford Handbook of Tense and Aspect. Oxford University Press. 752-780.

Moens, M. & Steedman, M. (1988). Temporal Ontology and Temporal Reference. Computational Linguistics, 14(2). 15–28.

Oliveira, C. (2013). Tempo Verbal. In Raposo, E. (2013). Gramática do português. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1, 509-553.

Oliveira, F. (2003). Tempo e aspeto. In Mateus et. al (org.). Gramática da Língua Portuguesa. Lisboa: Caminho, 127-178.

Pratas, F. (2021). The expression of temporal meaning in Caboverdean. Berlin: De Gruyter.

Raposo, E. (2013). Estrutura da Frase. In Raposo, E. (2013). Gramática do português. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1, 303-394.

van Hout, A. (2016). Lexical and Grammatical Aspect. In J. Lidz, W. Snyder, & J. Pater (Eds.), The Oxford Handbook of Developmental Linguistics. Oxford University Press.

Vendler, Z. (1957). Verbs and Times. The Philosophical Review, 66(2), 143-160.

Anexo 1



Exemplo de item da tarefa de produção espontânea (história do coelho)

Anexo 2



Exemplo de item da tarefa de produção induzida: O coelho encontra o macaco Gabriel. O macaco Gabriel está muito satisfeito porque...

Anexo 3



Exemplo de item da tarefa de compreensão: Estão duas raposas na imagem. Qual delas construiu uma casa? (Espera-se: a raposa castanha escura).